

ANGÚSTIA E DESESPERO: O AMADURECIMENTO HUMANO SEGUNDO SOREN KIERKEGAARD

Gabriel Otte Bernardo

O homem é um ser que aprende com suas experiências, que, às vezes, são boas; outras muitas vezes, ruins. Contudo, todas são experiências válidas. O sofrimento de um indivíduo, ainda que nunca desejado por ninguém, é grande responsável por lhe ensinar muitas coisas, quer goste ou não desse aprendizado. Angústia e desespero são sentimentos complexos e muito poderosos quando o assunto é amadurecimento.

Soren Kierkegaard é um filósofo e teólogo dinamarquês que muito escreveu sobre esses dois sentimentos. Para ele, além de ensinarem muito sobre a experiência humana, ajudam a compreender o que significa percorrer o caminho do entendimento dos “porquês” da existência. De fato, Kierkegaard viveu em uma época de debates acalorados entre grandes narrativas filosóficas. Seus escritos tinham como intuito refutar não apenas os imperativos categóricos de

Immanuel Kant, mas também o historicismo dialético de Hegel. Contudo, queria, ao mesmo tempo, utilizar o que tanto Kant quanto Hegel acertaram, “unindo” as duas teses de forma dialética, para exaltar a realidade total que as duas juntas trariam à tona.

Os conceitos de Kierkegaard têm significados objetivos, que não são, porém, obrigatoriamente consistentes, mas apenas explicações contextuais. Assim, na maioria dos contextos, “pecado hereditário” seria a tendência humana para cometer erros morais, que acompanha o indivíduo desde o nascimento. “Desespero” seria, por sua vez, a consciência dos próprios defeitos e falhas, quando não existe a possibilidade de corrigir os problemas percebidos. Esses conceitos surgem para dialogar com as teorias dos filósofos que estavam em destaque na época de Kierkegaard, especialmente Kant.

ANGÚSTIA, DESESPERO E PECADO

Pode parecer um pouco contraditório dizer que sentimentos que comumente as pessoas consideram responsáveis por deixá-las tristes e desesperançosas podem ser responsáveis por conduzi-las a um estágio elevado de compreensão do mundo e da existência. Por isso, talvez seja justo citar a máxima atribuída a Lênine (1977, p. 215): “às vezes é preciso dar um passo atrás para depois dar dois à frente”.

Angústia, desespero e pecado são palavras utilizadas muitas vezes para descrever momentos de potência diminuída no ser. A ideia do amadurecimento está intimamente ligada aos conceitos de desenvolvimento e progresso, que remetem à compreensão aristotélica de movimento em direção ao melhor (ABBAGNANO, 2000, p. 241); ou seja, entende-se como um processo de elevação do ser e de tudo aquilo que o cerca. Esse processo, conforme Kierkegaard (2010, p. 71, 83, 104) explica, se dá através da transição entre estádios da existência, cada um mais elevado do que o outro. Estes três estádios seriam responsáveis por capacitar os indivíduos a compreenderem a vida de uma forma cada vez mais elaborada: estágio estético (quando a realização humana parte das experiências sensíveis); estágio ético (quando essa realização vem das condutas consideradas como absolutamente corretas) e estágio religioso (quando a realização vem de condutas consideradas absolutamente corretas porque contam com a ajuda de Deus). A passagem pelos estádios e a transição entre eles se dão a partir das experiências de angústia e desespero do indivíduo.

Todos nascem fora dessas esferas, segundo Kierkegaard (2010, p. 44-45). Isto é, quando nascem, os indivíduos dependem apenas de suas experiências sensíveis, que nada mais são do que sensações de prazer ou dor. No início da vida, o ser humano é basicamente como um animal, no sentido de que suas atitudes e ações são regidas pela bússola dos instintos. Deseja o prazer, busca-o de forma egoísta, mas sem ter consciência de seu egoísmo. Da mesma forma, afasta a dor de forma egoísta, sem ter consciência de seu egoísmo. Conforme os anos vão passando, a razão do sujeito começa a se desenvolver, no sentido de que os pensamentos começam a ser mais claros, sistematizados e coerentes. Os pais, bem como a escola com os professores, começam a instigar o pensamento do sujeito, de modo que ele começa a perceber a si mesmo. Inicia-se o processo de percepção do mundo e é, a partir desse momento da existência, que a possibilidade do desespero surge.

Para Kierkegaard (2010, p. 33), a primeira experiência de desespero ocorre quando o sujeito, percebendo a si mesmo, questiona-se sobre a própria vida e o estar no mundo. Esse questionamento geralmente é responsável por fazer surgir uma série de perguntas: Por que estou aqui? Qual o sentido da vida? Trata-se de perguntas difíceis. Por isso, o sujeito se sente angustiado (no sentido de sentir certo mal-estar). Nesse primeiro momento, o indivíduo não se importa em obter uma resposta que considere correta, mas em apenas

obter uma resposta. Com base nas experiências passadas, Kierkegaard (2010, p. 70-71) diz que geralmente responde que a felicidade é seu objetivo. Surge, então, outra pergunta: Como serei feliz? E, de igual modo, a pessoa recorre às experiências passadas para encontrar uma possível resposta, que se baseia na forma como, desde pequeno, viveu: buscando prazer e afastando a dor. Com isso, o sujeito mergulha, pela primeira vez, no primeiro estágio kierkegaardiano: o estágio estético.

O indivíduo que se encontra no estágio estético é, segundo Kierkegaard (2010, p. 70), um sujeito dado ao imediatismo e, portanto, afeito às sensações prazerosas. Por isso, sempre que possível, as busca. Se, para o sujeito, há prazer em poder sair com mulheres, esse será seu objetivo. Se há prazer em degustar alimentos exóticos, esse será seu objetivo. Os sujeitos espontâneos, como Kierkegaard os denomina, são os que encontraram prazer nas experiências prazerosas. Não importa a qualidade delas, mas sim a quantidade. Há, porém, um problema, que é aquilo que Schopenhauer (1960, p. 12) descreve como a insaciedade humana, no sentido de que não importa quanto se faça, o ser sempre quer mais, pois o ser humano se acostuma com as sensações que sente corriqueiramente, o que retira delas parte do prazer antes existente. O que ocorre depois é que o indivíduo percebe que aquilo que antes fazia para sentir prazer já não mais surte o mesmo efeito. Então, para surtir efeito, é necessária uma dose muito maior. É quando ocorre essa percepção que o indivíduo se encontra sob angústia, pois, para alcançar o prazer que deseja, necessita extrapolar os limites do aceitável e percebe-se fazendo coisas que a sociedade e seus princípios desaprovam. Então, vem o desespero.

A experiência do desespero ocorre quando o sujeito que já se encontra no primeiro estágio começa a fazer perguntas semelhantes à de sua condição anterior a esse estágio. Por isso, indaga: “Será que é assim mesmo que serei feliz?” Quando o sujeito se questiona a respeito da felicidade nesse estágio, surgem duas possibilidades de resposta: sim ou não. Se o sujeito responder “sim” para a pergunta feita a si mesmo, continuará vivendo segundo sua compreensão de felicidade, ou seja, aumentará cada vez mais a dose daquilo que lhe proporciona prazer, chegando, portanto, a níveis estratosféricos. Ou, então, aceitará, em vez disso, a apatia, não aumentando a dose, nem mais sentindo prazer da mesma forma que antes. Entretanto, se o sujeito responder “não” para a pergunta que se faz, surge outra pergunta: “Se não é assim que serei feliz, então como serei feliz?” Eis que, então, ocorre a ascensão para o próximo estágio: o estágio ético (KIERKEGAARD, 2010, p. 74-75).

A pessoa que se encontra no estágio ético, segundo Kierkegaard (2010, p. 86), é um sujeito mais introspectivo, que busca respostas para questões relacionadas ao conhecimento de si mesmo. É nesse estágio que há uma formação consciente dos princípios, ou seja, o sujeito não mais faz ou deixa de fazer algo por ser o que a sociedade espera ou por ter aprendido com os pais, mas coloca as atitudes e vontades próprias sob o crivo da razão, questionando cada conduta, segundo suas crenças, para saber se, de fato, é a melhor conduta. A eticidade que surge nesse estágio ancora-se muito na ideia de uma razão capaz

de proporcionar princípios racionais e lógicos. E, após chegar a uma conclusão a respeito da lógica que deve reger seus atos e condutas, o sujeito busca condutas coerentes com aquilo em que crê. Esse é o indivíduo propriamente kantiano. A lógica da conduta baseada na razão sempre desagua na necessidade de universalidade. Ou seja, ser ético é ser bom e ser bom é elevar, cada vez mais, o ser e todos os que estão em volta.

Nesse estágio, aparece o conceito de pecado, que, segundo Kierkegaard (2020, p. 32), é compreendido como a tendência para o mal, isto é, o oposto do bem. O “bem”, conforme Kant (2018, p. 63), tende à universalidade e, portanto, pouco tende ao particular. O sujeito que está no estágio ético busca seguir, de forma absoluta, princípios que, passados pelo crivo da razão, demonstram ser bons. Porém, ainda que o sujeito queira agir conforme princípios que são bons e universais, acaba, pelo contrário, fazendo aquilo que é particular e, portanto, bom só para ele, o que é mau. Quando o sujeito toma consciência de que, ainda que deseje verdadeiramente fazer o que acredita ser o certo e bom, acaba fazendo o que é errado e mau, passa novamente pela experiência da angústia e, por isso, se desespera.

Quando o sujeito se encontra no segundo estágio, a experiência do desespero é completamente diferente, pois, quando se desespera, não pergunta mais sobre como será feliz, mas: “Por que não consigo fazer o que é bom, mesmo quando quero fazê-lo?” Ou, então: É possível ser absolutamente bom? Eis que novamente surgem duas possibilidades de resposta para tal questionamento: sim ou não. O sujeito se tornará aquilo que Kierkegaard (2010, p. 89) denomina de hermético (ou diabólico), pois o sujeito aceitará que, no que conseguir ser bom, será; porém, naquilo que não conseguir ser bom, não será. Assim, aceita que o homem é tanto bom quanto mau, e que não há possibilidade de mudar isso. Contudo, se o sujeito responder afirmativamente, surgirá automaticamente outra pergunta: “Como?” Eis a ascensão para o terceiro estágio.

Kierkegaard (2010, p. 105) diz que o sujeito que ascende para o terceiro estágio é aquele que, buscando a resposta para a questão, faz a seguinte reflexão: “Desejo o bem; porém, não o alcanço. O que consigo perceber é que o bem existe, pois pode ser concebido. Contudo, as pessoas não o alcançam. Concluo, portanto, que não é possível que tenha sido o próprio ser humano que concebeu tais preceitos. Se não foi o ser humano que os concebeu, deve ter sido alguém que está acima do ser humano. E o único ser que está acima do ser humano é aquilo que se compreende como Deus”. O indivíduo, quando passa para o estágio religioso, aceita que o responsável pelos princípios universais é Deus. Logo, o único que pode ser absolutamente bom é Deus e aqueles que estão com ele. Desse modo, a pessoa religiosa aceita ser ajudada por Deus para alcançar um nível de existência mais elevado, participando, portanto, das atividades ligadas a Deus. Ou seja, segue a igreja. Além disso, estuda a lei de Deus e os princípios divinos, pedindo auxílio de Deus em tudo o que faz.

Entretanto, no momento que o sujeito acredita estar muito próximo de Deus, angustia-se, pois, novamente, percebe-se não apenas querendo, como também executando más ações. Pior ainda, pois, cercado de outros sujeitos que também se dizem próximos de Deus, percebe que esses outros sujeitos também tendem às más atitudes. Eis que novamente assombra-se com a experiência do desespero e indaga: “Nem Deus será capaz de me ajudar? Será que Deus realmente existe e é real?” Duas possíveis respostas surgem novamente: sim e não. Se o sujeito responde “não” para as duas perguntas, ocorre o que Kierkegaard (2010, p. 111) denomina de “escândalo”, que nada mais é do que desacreditar do poder de Deus e de sua existência. Desse modo, esse sujeito chega ao fim da caminhada, pois viverá como um hipócrita, já que pregará a respeito de verdades superiores, mas não as seguirá e nem se esforçará para isso. Porém, se a resposta para a pergunta for “sim”, ocorre aquilo que Kierkegaard (2010, p. 113) denomina de “salto da fé”, que é acreditar, mesmo sem prova alguma, que Deus existe e é capaz de nos auxiliar no caminho da vida e que, quando Deus cumprir a promessa que fez, de voltar para resgatar os seus, reestabelecerá aquilo que era o ser humano antes do pecado. Nesse sentido, o ser humano será perfeito, mas não inocente (no sentido de ignorante), pois a angústia que antes o fez desobedecer a Deus, vai se transformar na angústia frente à liberdade de desobedecer. Porém, para Kierkegaard (2010, p. 165), quem, ao contrário, é formado, permanece junto à angústia, não se deixa enganar por suas inúmeras falácias, conserva, com exatidão, a memória do passado. Por fim, os ataques da angústia, embora continuem terríveis, não são de tal modo que ele bata em retirada.

Acreditando nisso, o sujeito viverá pela fé, esforçando-se, ao máximo, para não errar. Quando o erro inevitavelmente ocorrer, não ficará abalado, pois pedirá perdão e seguirá pedindo ajuda a Deus a fim de não errar novamente. Esse sujeito buscará ser bom e será bom mais vezes do que quando estava no estágio ético, pois, no estágio religioso, busca conhecimentos de Deus e não somente sobre sua razão. O sujeito descobre, então, os princípios divinos, que são muito mais elevados do que ele anteriormente havia estabelecido. Por isso, poderá escolher, com maior certeza, aquilo que é bom.

CONCLUSÃO

O salto da fé é o estágio mais elevado que um sujeito pode atingir na terra, enquanto mortal e pecador. Porém, o sujeito que alcançou tal estágio já adquiriu um conhecimento a respeito da vida e com sua relação a Deus, uma sabedoria excelente, pois não só implica conhecimento, mas a ajuda de Deus. Além disso, conhece a forma ideal de se valer de tal conhecimento.

O amadurecimento do sujeito alcança, portanto, um ápice, quando sabe quem é, quais problemas tem, quais dificuldade enfrenta e as possíveis soluções para seus dilemas. Sabe, além disso, onde buscar as respostas de que necessita. Logo, é um ser consciente

de si, de suas limitações e possibilidades. O amadurecimento, segundo Kierkegaard (2010), tem que ver com a transição dos vários estádios da vida, com experiências em busca de respostas cada vez mais complexas para questões cada vez mais complicadas. O desespero e a angústia, como sentimentos que nos tiram a potência, são também os sentimentos que nos proporcionam a capacidade de nos questionar sobre o que é mais importante na vida. Se formulamos corretamente as perguntas, torna-se cada vez mais fácil encontrar as respostas. Obviamente, isso não significa que consigamos colocar as respostas automaticamente em prática, pois, como vimos, há respostas que, para serem colocadas em prática, dependem de um poder que está acima de nós. Contudo, isso é reconfortante caso haja fé, característica do ser humano amadurecido nas questões existenciais. Esse sujeito, ainda que não consiga alcançar a resposta de imediato, poderá alcançá-la em algum momento futuro.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HEGEL, Georg W. F. **Fenomenologia do espírito**. Tradução: Paulo Meneses. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução: Inês A. Lohbauer. São Paulo: Martin Claret, 2018.

KIERKEGAARD, S. A. **O conceito de angústia**. Tradução: Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: São Francisco, 2013a.

KIERKEGAARD, S. A. **O conceito de ironia**: constantemente referido a Sócrates. Tradução: Álvaro Luiz Montenegro. Petrópolis: Vozes, 2013b.

KIERKEGAARD, Sören A. **O desespero humano**. Tradução: Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

LÉNINE, Vladimir I. **Obras escolhidas**. Lisboa: Avante, 1977.

SCHOPENHAUER, A. **As dores do mundo**. Tradução: José Souza de Oliveira. São Paulo: Edigraf, 1960.